SESI
Nós ajudamos a Indústria a crescer e fazer crescer.

APOLOGIA DE SÓCRATES

TRIADE Editora

de Platão
(427 aC – 348 aC)

Resumo da Narrativa

Introdução

No inverno de 400 aC para 399 aC três cidadãos atenienses, Méleto, secundado por Ânito e Lico, apresentaram ao rei arconte de Atenas duas acusações:

1. Sócrates teria se recusado a reconhecer os deuses da Cidade, substituindo-os por entidades demoníacas (crime de ateísmo ou impiedade), acusação de Méleto.
2. Sócrates teria corrompido a mocidade, ensinando-lhe tais coisas (crime de subversão), acusação de Ânito.

O rei aceitou a queixa, dirigiu o inquérito e convocou 501 jurados homens com mais de 30 anos, que poderiam condenar o réu pela maioria de 60 votos. Após um julgamento que durou entre nove e dez horas, Sócrates foi considerado culpado por 280 votos a 220. Votada a pena de morte por maioria de 360 a 140, Sócrates foi imediatamente conduzido à prisão para aguardar a execução que foi inesperadamente adiada por coincidir com interditos religiosos. No dia exato em que as proibições acabaram, Sócrates tomou um cálice de cicuta.

Primeira Apologia (no julgamento):

1. Sócrates inicia sua defesa afirmando não terem seus acusadores dito *"nada de verdadeiro"* e vê no conselho que deram aos jurados, de temer sua (de Sócrates) habilidade "*no falar*", prova disso.

   Diz em seguida que tem mais de setenta anos, que está acostumado a falar nas feiras e não nos tribunais e que deve ser julgado pela justiça do que diz. Em resumo, declara não ser orador, a não ser que por esta palavra se entenda alguém que diz a verdade.

2. Sócrates diz que outros acusadores, os comediógrafos, o têm caluniado há muito e que dele têm dito ser *"homem douto, especulador das coisas celestes e investigador das subterrâneas e que torna mais forte a razão mais fraca"* e que isso pode ter induzido os jurados a acreditar que ele (Sócrates) não acreditaria nos deuses e que é desses primeiros acusadores que vai se defender primeiro.
3. Sócrates relembra que a acusação de que *"Sócrates comete crime e perde a sua obra, investigando as coisas terrenas e as celestes, e tornando mais forte a razão mais débil, e ensinando os outros"* já estaria na *"comédia de Aristófanes"* e pede aos jurados que se informem reciprocamente de tê-lo ouvido alguma vez falar de tais coisas.
4. Sócrates diz aos jurados não poder ser acusado de ganhar dinheiro instruindo. Declara ironiamente achar *"bela coisa*...*que alguém seja capaz de persuadir os jovens"* e ser compensado com dinheiro, mas diz não saber fazer tais coisas, como os sofistas o fazem. Em resumo, diz que não é sofista.
5. Sócrates diz estar sendo acusado injustamente não por ter sido envolvido nas atividades de que é acusado, mas porque teria conquistado alguma sabedoria, *"aquela que é talvez, propriamente, a sabedoria humana"*, e que *"é, na realidade, arriscado ser sábio nela"*. Sócrates invoca em sua defesa o oráculo de Delfos que, consultado por Xenofonte, teria dito que entre os sábios ninguém seria mais sábio que ele.
6. Sócrates afirma que, para interpretar a fala do oráculo, foi testar determinado político, que ele não nomeia. Como este político se achava sábio, mas de fato não sabia o que achava que sabia, Sócrates concluiu ser ele (Sócrates) sábio por não acreditar saber aquilo que não sabe. E que disso vinha o ódio que se nutria por ele.
7. Sócrates diz que, embora sabendo-se odiado, *"para procurar o que queria dizer o oráculo, ... devia ir a todos aqueles que diziam saber qualquer coisa"* e saiu a procura de políticos, poetas trágicos e ditirâmbicos, descobrindo que *"não sabem nada do que dizem"*, o que comprovava que ele (Sócrates) os superava.
8. Sócrates diz ter ido visitar também os artífices que julgava nada saberem, mas descobriu-os *"instruídos em muitas e belas coisas"*, nas quais eram muito mais sábios que ele (Sócrates), mas que incorriam no *"mesmo defeito dos poetas: pelo fato de exercitar bem a própria arte, cada um pretendia ser sapientíssimo também nas outras coisas de maior importância, e esse erro obscurece o seu saber"*. Sócrates conclui que deveria continuar como era, *"nem sábio da sua sabedoria, nem ignorante de sua ignorância"*.
9. Sócrates diz à assembléia de jurados que teria sido graças a estas investigações que demonstrava que os *"homens não têm nenhum mérito quanto à sabedoria"* e que só deus é sábio e a sabedoria humana quase sem valor, que lhe teriam advindo inimizades porque todos pensam que ele (Sócrates) seria sábio naquilo que ele refutava aos outros. Diz ainda ter esta investigação tomado todo o seu tempo e que, em conseqüência,

encontrava-se em extrema pobreza e que seus discípulos jovens ociosos, *“filhos de ricos”*, ao imitá-lo por sua própria conta, também empreendiam examinar os outros e que os examinados, pegos na situação de não saberem o que diziam saber, encolerizavam-se com ele (Sócrates), acusando-o de *“corromper os jovens”*. Entre os desmascarados, Sócrates cita Méleto pelos poetas, Ânito pelos artífices e Lico pelos oradores.

10. Sócrates dá por encerrada a defesa contra as velhas acusações e passa a se defender de Méleto, seu principal acusador, e diz que quem comete crime é Méleto, *“que brinca com coisas graves”*.

11. Sócrates pergunta a seu acusador se ele se importava com a melhoria dos jovens e ele é obrigado a responder sim. Pergunta-lhe então o que tornaria os jovens melhores. Méleto é obrigado a responder: *“Os juízes e senadores”*. Sócrates então pergunta-lhe se toda a comunidade os melhoraria e apenas um (ele, Sócrates) os corromperia. Méleto responde: *“Isso exatamente afirmo de modo conciso”*. Sócrates retruca perguntando se não seria o contrário, como no caso dos cavalos, que só podem ser manejados por alguém que os entenda e que só seriam estragados pela maioria desqualificada e afirma ironicamente ser *“uma grande fortuna para os jovens que um só corrompesse e os outros lhe fossem todos úteis”*.

12. Sócrates continua a interrogar Méleto perguntando-lhe se é melhor viver entre bons ou entre maus, já que os bons fazem o bem e os maus fazem o mal a seus próximos. Méleto responde que é melhor viver entre os bons e que Sócrates voluntariamente tornaria os jovens piores. Sócrates refuta dizendo que se ele assim o fizesse, receberia o mal daqueles que ele mesmo (Sócrates) havia tornado pior e que, portanto, não poderia os estar voluntariamente piorando e que se o estivesse fazendo involuntariamente, merecia aconselhamento e não punição.

13. Sócrates lembra que a acusação de corromper a juventude dar-se-ia por ele (Sócrates) ensinar a juventude a não respeitar *“os deuses que a cidade respeita, porém outras divindades novas”*. Sócrates diz não entender se está sendo acusado de não acreditar em deuses de modo geral ou na existência de certos deuses em favor de outros. Méleto diz achar que Sócrates não acredita inteiramente nos deuses, alegando ter Sócrates declarado que o sol seria uma pedra e a lua, terra. Sócrates responde dizendo que Méleto o estaria confundindo com Anaxágoras e o acusa de estar se contradizendo, porque ele não pode ser acusado de não acreditar em deuses, como pensa Méleto e, ao mesmo tempo, ser acusado de indicar deuses que não os reconhecidos pela cidade.

14. Sócrates continua sua argumentação perguntando ao júri se faria sentido acreditar que haja coisas humanas sem haver necessariamente homens e se pode haver coisas relacionadas a cavalos sem existir cavalos. Demonstrando que não, Sócrates pergunta a Méleto como poderia ele ser acusado de ensinar coisas “demoníacas” e negar ao mesmo tempo a existência de “demônios”. Como seria possível ele (Sócrates) não acreditar em deuses, se demônios são filhos bastardos dos deuses?

15. Sócrates diz que se alguma coisa o vai perder é o ódio que há contra ele, pela mesma razão pela qual *"se perderam muitos outros homens virtuosos"*. Em seguida diz não se envergonhar de ter empreendido ocupações tais que tenham posto sua vida em risco: *"... só se deve considerar uma coisa: quando fizer o que quer que seja, deve considerar se faz coisa justa ou injusta, se está agindo como homem virtuoso ou desonesto"* e que não se deve temer a morte ou coisa alguma, a não ser as torpezas.
16. Sócrates argumenta que desobedecer a decisão de deus abandonando a missão *"de viver filosofando e examinando a mim mesmo e aos outros"* seria igual a abandonar o posto que o Estado o havia designado no seu serviço militar. *"Neste caso, com razão, alguém poderia conduzir-me ao tribunal, e acusar-me de não acreditar na existência dos deuses, desobedecendo ao oráculo, e temendo a morte, e reputando-me sábio sem o ser"*. Continua argumentando que temer a morte é o mesmo que parecer saber o que não se sabe, já que não se sabe das coisas do Hades, e que não se deve fugir das coisas que não se sabe. Conclui que mesmo que a corte o absolvesse com a condição de não mais ensinar tais coisas, diria: *"Cidadãos atenienses, eu vos respeito e vos amo, mas obedecerei aos deuses em vez de obedecer a vós, e enquanto eu respirar e estiver na posse das minhas faculdades, não deixarei de filosofar e de vos exortar ou de instruir a cada um, quem quer que seja que vier à minha presença, dizendo-lhe, como é meu costume: - Ótimo homem, tu que és cidadão de Atenas, da cidade maior e mais famosa pelo saber e pelo poder, não te envergonhas de fazer caso das riquezas, para guardares quanto mais puderes e da glória e das honrarias e, depois, não fazer caso e nada te importares da sabedoria, da verdade e da alma, para tê-la cada vez melhor?"* Insiste que sua missão é dizer que *"a virtude não nasce da riqueza, mas da virtude vêm, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados*" e termina declarando que *"absolvendo-me ou não, não farei outra coisa, nem que tenha de morrer muitas vezes"*.
17. Sócrates diz que se for condenado à morte, menos mal sofrerá que seus condenadores e que Méleto ou Ânito não lhe podem fazer mal de forma alguma, porque não é possível *"que um homem melhor receba dano de um pior"* e que pior que os males que lhe (a Sócrates) possam advir é a tentativa de matar injustamente um homem, que é o mal no qual seus causadores incorrem. Argumenta também que estava *"adaptado pelo deus à cidade"* para esporear a cidade e que não seria substituído com facilidade, sobretudo por fazê-lo sem nenhuma compensação, do que sua pobreza o testemunhava.
18. Sócrates declara desde criança ouvir às vezes uma voz que o impede de agir e que por isso foi impedido de se ocupar dos negócios do Estado e que, se assim o fizesse, há muito estaria morto e não teria sido útil em nada e o *"que combate verdadeiramente pelo que é justo, se quer ser salvo por algum tempo, deve viver a vida privada, nunca se meter nos negócios públicos"*, dando o exemplo dos acontecimentos por ele vividos, quando senador, em que a oposição à injustiça, mesmo no período democrático, quase o havia matado.

19. Sócrates declara nunca ter sido *"mestre de ninguém"*. Explica: *"...se, pois, alguém se mostrou desejoso de minha presença quando eu falava, e acudiam à minha procura jovens ou velhos, nunca me recusei a ninguém. Nunca, ao menos, falei de dinheiro, mas igualmente me presto a interrogar os ricos e os pobres, quando alguém, respondendo, quer ouvir o que digo. E se alguém daqueles se torna melhor, ou não se torna, não posso ser responsável, pois que não o prometi, nem dei, nesse sentido, nenhum ensinamento"*.
20. Sócrates reafirma ser sua missão interrogar os que acreditam serem sábios e atribui esta missão a uma ordem de deus. Em seguida, indica no júri vários parentes de alunos que ali poderiam estar para vingar-se, se ele (Sócrates) algum mal houvesse feito aos seus. No entanto, ao não acusá-lo, estariam motivados pela convicção de que Méleto mentia.
21. Sócrates encerra sua defesa dizendo não ter trazido filhos, parentes e amigos para convencer o júri, porque é preciso que ele (Sócrates) *"seja corajoso ao menos defronte à morte"*. Completa: *"O fato é que me foi criada a fama de ser esse Sócrates em que há alguma coisa pela qual se torna superior à maioria dos homens"*, o que o diferenciaria dos homens que, a seu ver, *"cobrem a cidade de vergonha, e que poderiam suscitar entre os estrangeiros a convicção de que aqueles que os próprios atenienses escolheram, de preferência, para serem os seus magistrados e para as demais dignidades, não se diferenciam das mulheres"*.
22. Sócrates encerra sua defesa dizendo confiar na decisão seja qual for, já que acreditando nos deuses não fará coisas que não considera *"... nem belas, nem justas, nem santas..."* e que sua habilidade de argumentação não pode sobrepor-se à justiça dos deuses.

Segunda Apologia (após a condenação, mas antes da confirmação da pena):

23. Sócrates declara ter esperado a condenação e até por mais votos.
24. Conforme lhe faculta a lei, Sócrates propõe ironicamente substituir a pena de morte, que foi proposta pelos acusadores, pelo direito de ser nutrido, às expensas do Estado, no Pritaneu, já que, tendo passado a vida a cuidar da cidade antes dos negócios da própria cidade, não teve tempo de cuidar dos próprios negócios, *"descuidando daquilo que todos têm em grande conta, a aquisição das riquezas e a administração doméstica, e os comandos militares, e as altas magistraturas,e as conspirações, e os partidos que surgem na cidade..."*.
25. Sócrates diz que se o "juízo capital" tivesse sido decidido em muitos dias, e não em apenas um, ele os persuadiria. Demonstra desinteresse por qualquer pena alternativa, incluído o exílio: *"Serão os meus sermões mais fáceis de suportar para os outros?"*
26. Sócrates argumenta que ir para o exílio seria equivalente a desobedecer a um deus e que o *"maior bem para um homem é justamente este, falar todos os dias sobre a virtude e os outros argumentos sobre os quais me ouvistes raciocinar, examinando a mim mesmo e*

aos outros, e, que uma vida sem exame não é digna de ser vivida". Por fim comunica que Platão, Crito, Cristóbolo e Apolodoro propuseram a ele (Sócrates) que oferecesse ser multado em trinta minas e que eles lhe ofereciam fiança. Sócrates propõe desinteressadamente o acordo ao tribunal.

27. Sócrates encerra alertando os presentes no Aerópago que, por não terem esperado mais tempo, seriam acusados por Méleto, Ânito e Lico de serem os assassinos de um sábio, porque quem doravante quisesse desaprovar os condenadores, o chamaria assim. Diz ainda ter caído não por falta de raciocínio, *"mas de audácia e impudência,e por não querer dizer-vos coisas tais que vos teriam sido gratíssimas de ouvir, choramingando, lamentando-me e fazendo e dizendo muitas outras coisas indignas, as quais, certo, estais habituados a ouvir de outros"*. Diz não desejar fugir da morte, mas *"da maldade, que corre mais veloz que a morte. E agora eu, preguiçoso como sou e velho, fui apanhado pela mais lenta, enquanto os meus acusadores, válidos e leves, foram apanhados pela mais veloz: a maldade"*.

Terceira Apologia (após a confirmação da pena de morte):

28. Sócrates vaticina para os que os condenaram *"uma vingança muito mais severa"*: *"Em maior número serão os vossos censores, que eu até agora contive, e vós não reparastes. E tanto mais vos atacarão quanto mais jovens forem e disso tereis maiores aborrecimentos"*.
29. Por fim, Sócrates convida aos que o absolveram a conversar porque *"nada nos impede de conversarmos todos juntos, enquanto se pode"*. Diz-lhes que o sinal de deus não se havia oposto a nada na sua vinda ao tribunal, talvez porque *"este meu caso arrisca ser um bem, e estamos longe de julgar retamente, quando pensam que a morte é um mal"*. Justifica dizendo que se o morto não tivesse nenhuma espécie de existência, a *"morte seria um maravilhoso presente"*, como se o tempo se resumisse *"numa única noite"*. Mas se a morte é "*uma passagem deste para outro lugar e, se é verdade o que se diz que lá encontram todos os mortos, qual o bem que poderia existir, ó juízes, maior do que este? Porque, se chegarmos ao Hades, libertando-nos destes que se vangloriam de serem juízes, havemos de encontrar os verdadeiros juízes, os quais nos diriam que fazem justiça acolá"*.
30. *"Mas também vós, ó juízes, deveis ter boa esperança em relação à morte, e considerar esta única verdade: que não é possível haver algum mal para um homem de bem, nem durante sua vida, nem depois de morto; que os deuses não se desinteressam do que a ele concerne; e que, por isso mesmo, o que hoje aconteceu, no que a mim concerne, não*

é devido ao acaso, mas é a prova de que para mim era melhor morrer agora e ser libertado das coisas deste mundo. Eis também a razão por que a divina voz não me dissuadiu, e por que, de minha parte, não estou zangado com aqueles cujos votos me condenaram, nem contra meus acusadores.

Não foi com esse pensamento, entretanto, que eles votaram contra mim, que me acusaram, pois acreditavam causar-me um mal. Por isto é justo que sejam censurados. Mas tudo o que lhes peço é o seguinte: Quando os meus filhinhos ficarem adultos, puni-os, ó cidadãos, atormentai-os do mesmo modo que eu vos atormentei, quando vos parecer que eles cuidam mais das riquezas ou de outras coisas que da virtude. E, se acreditarem ser qualquer coisa não sendo nada, reprovai-os, como eu a vós: não vos preocupeis com aquilo que não lhes é devido.

E, se fizerdes isso, terei de vós o que é justo, eu e os meus filhos.

Mas, já é hora de irmos: eu para a morte, e vós para viverdes. Mas, quem vai para melhor sorte, isso é segredo, exceto para Deus".

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos citados são de "Apologia de Sócrates", de Platão, da edição Ediouro, Rio de Janeiro, 18ª edição, tradução de Maria Lacerda de Moura.)